

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

CAMILA FARIA DA SILVA

**LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO DE PRODUÇÕES
CIENTÍFICAS BRASILEIRAS SOBRE AUTISMO**

SÃO CARLOS

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

CAMILA FARIA DA SILVA

**LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO DE PRODUÇÕES
CIENTÍFICAS BRASILEIRAS SOBRE AUTISMO**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Licenciatura
em Educação Especial da
Universidade federal de São Carlos
para a obtenção do título de graduada
em Educação Especial.**
*Orientação: Prof. Dr. Nassim Chamel
Elias*

SÃO CARLOS

2013

Dedico este trabalho a minha família, a base de tudo, que esteve comigo nos momentos mais difíceis desta caminhada. Foram meus anjos da guarda, me dando forças para seguir em frente sem desistir ou desanimar, pois a caminhada é longa e os obstáculos estão por todo o caminho, e foram eles que me ajudaram a vencer todos eles.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer acima de tudo a Deus, que me deu forças para não desanimar diante dos obstáculos encontrados no caminho.

Aos meus pais, Clóvis e Cristina, que foram meu porto seguro durante todo esse tempo, que ao longo destes quatro anos me apoiaram e me deram forças pra eu nunca desistir nem desanimar, e acima de tudo por nunca desistirem de mim e acreditaram que eu seria capaz, e por lutarem pelo meu sonho junto comigo.

A minha irmã Beatriz, por compreender que não pude ser uma irmã tão presente e por estar sempre ajudando, me apoiando e me fazendo sorrir.

Ao Professor Nassim, por toda ajuda e apoio que me ofereceu neste pouco tempo que tivemos de caminhada, pelas orientações e trocas de experiências que me ofereceu e pela paciência e dedicação que teve comigo, e acima de tudo, por acreditar que daria certo e que eu seria capaz.

A banca examinadora, Adriana e Vanessa, por aceitarem de coração este convite e terem disponibilidade de estar comigo e contribuir com este trabalho.

Aos amigos e amigas, novos ou de longa data, que permaneceram ao meu lado, Dalila, Tatiana, Gisele, Dayane e Fábio, que estiveram sempre prontos para me ouvirem nos momentos de desabafo, de desespero e até mesmo de alegria. Obrigada também Darly, Jéssica, Raíssa e Renato ... Pessoas que me acompanharam durante estes quatro anos, que me viram ficar com raiva, ficar nervosa, me viram chorar, reclamar, e acima de tudo me viram sorrindo pelas conquistas que alcancei, e por não terem me esquecido, mesmo sabendo que em alguns momentos precisei me ausentar, por decorrência da grande demanda de compromissos que o mundo acadêmico exige.

A todos os professores, funcionários do curso de Licenciatura em Educação Especial, por estarem presentes nesta caminhada que está se concluindo, e pelo incrível conhecimento que nos transmitiram ao longo desses quatro anos.

Aos colegas de sala de aula, quero agradecer pela troca de experiências que me foi permitido por estar com eles, e mesmo não tendo afinidade com todos, tenho certeza que a experiência de viver em um grupo irei carregar para toda vida.

A todos o meu ... Muito Obrigada!!!

“Mire e veja: o importante e bonito do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam e desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou.”

(Guimarães Rosa).

RESUMO

O Autismo é uma das síndromes que compõe o quadro dos Transtornos Globais do Desenvolvimento, sendo introduzido pela primeira vez na literatura no final da década de 60, como sendo um conjunto de transtornos qualitativos de funções envolvidas no desenvolvimento humano, substituindo o modelo anterior que explicava o autismo como uma Psicose Infantil. Considerando a importância e a prevalência do Transtorno do Espectro do Autismo no Brasil e a preocupação recente acerca desse termo, o objetivo desta pesquisa foi de realizar um relatório quantitativo de revisão mostrando quantos trabalhos foram publicados, através de um levantamento bibliográfico de artigos sobre Autismo nos Periódicos CAPES e Scielo (*Scientific Electronic Library Online*), para analisar a preocupação que há em torno deste tema. Foi encontrado 113 artigos, que foram analisados perante sua relevância ao tema, e em seguida classificados para uma melhor discussão para alcançar os objetivos propostos. Foi analisado que as publicações experimentais em determinada época do ano ultrapassam as publicações teóricas, mas isto também ocorre com as publicações teóricas, que em determinado período se mostram maiores que as publicações experimentais.

Palavras-Chaves: Educação Especial. Autismo. Produção Científica. Brasil

LISTA DE QUADROS

Tabela 1 - Lista dos artigos classificados como teóricos.....	18
Tabela 2 - Lista dos artigos classificados como experimentais.....	20
Tabela 3 - Número de publicações por universidade e Estado brasileiro.....	23

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Número de publicações experimentais e teóricas por ano.....	22
Figura 2 - Número cumulativo de publicações experimentais e teóricas por ano.....	22
Figura 3 - Número cumulativo de publicações experimentais de acordo com a idade dos participantes.....	24

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 METODOLOGIA.....	17
3 RESULTADOS	18
4 DISCUSSÃO	26
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS	31

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa trata-se de um trabalho de conclusão de curso da Licenciatura em Educação Especial, orientado pelo Profº. Dr. Nassim Chamel Elias, atualmente professor do curso de licenciatura em Educação Especial e pesquisador associado ao Departamento de Psicologia. Este trabalho teve seu início impulsionado pela necessidade de conhecer o que vem sendo produzido cientificamente sobre o tema “Autismo”.

O Autismo é uma das síndromes que compõem o quadro dos Transtornos Globais do Desenvolvimento. Estes transtornos representam uma categoria diagnóstica nova, a qual foi introduzida em um sistema psiquiátrico, pela primeira vez, em 1980, no DSM-III-R (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais), sob a denominação Distúrbio Global do Desenvolvimento. O termo foi introduzido na literatura no final da década de 60 e traduz a compreensão do autismo como um conjunto de transtornos qualitativos de funções envolvidas no desenvolvimento humano. Esse modelo explicativo substituiu o modelo anterior, que classificava o autismo como uma psicose infantil, e permitiu uma compreensão mais adequada de manifestações de transtornos semelhantes que constituem quadros diagnósticos diferentes (SALLE et al., 2005).

No ano de 1906, o médico Plouller introduziu pela primeira vez na literatura psiquiátrica o adjetivo “autista”, ao estudar pacientes diagnosticados com demência precoce (esquizofrenia). No entanto, segundo Salle et al. (2005), foi o psiquiatra suíço Elgen Bleuler que difundiu o termo autismo em 1911, definindo-o como perda de contato com a realidade, causado pela impossibilidade e grande dificuldade na comunicação interpessoal. Além disso, definiu o autismo originalmente como um transtorno oriundo da esquizofrenia, que é basicamente a limitação das relações pessoais com o mundo externo, parecendo excluir o “eu” da pessoa.

Em 1943, Kanner reformulou o termo utilizado para Distúrbio Autístico do Contato Afetivo, por conta de observações de um grupo de crianças com idades variando entre 2 anos e 4 meses a 11 anos. Para este distúrbio, ele utilizou as seguintes categorias: I) extrema dificuldade para estabelecer vínculos com pessoas ou situações; II) ausência de linguagem ou incapacidade em seu uso significativo; III) boa memória

mecânica; IV) ecolalia; V) repetição de pronomes sem reversão; VI) recusa de comida; VII) reação de horror a ruídos fortes; VIII) repetição de atitudes; IX) manipulação de objetos; X) físico normal e XI) família normal (BRASIL, 2013).

Em 1944, Asperger também conseguiu diferenciar um grupo de crianças com atraso no desenvolvimento, nomeando essas diferenças de Psicopatia Autística. No ano de 1947, discordando das ideias de Kanner, Bender utilizou o termo Esquizofrenia Infantil, considerando o autismo como uma forma mais precoce da esquizofrenia, e além disso, Mahler propôs o termo Psicose Simbiótica, pois acreditava que o autismo era causado devido a um déficit nas relações entre mãe e filho (SALLE et al, 2005).

Menciona-se que, Rutter, em 1967, fez uma análise em todas as evidências empíricas encontradas acerca do autismo e o definiu com quatro principais características: (I) falta de interesse social, (II) incapacidade de elaboração de linguagem responsiva, (III) presença de conduta motora bizarra, e (IV) início precoce, ocorrendo antes dos trinta meses. Diante disso, o Conselho Consultivo Profissional da Sociedade Profissional define o autismo como uma síndrome que tende a aparecer antes dos trinta meses e suas características são basicamente: distúrbio na taxa e na sequência do desenvolvimento, distúrbio na resposta a estímulos sensoriais, distúrbio na fala, na linguagem e nas capacidades cognitivas, e em relacionar-se com outras pessoas ou objetos. Essa definição, juntamente com a de Rutter e Kanner formaram os critérios do diagnóstico do autismo do *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – DSM III- R*, da Associação Americana de Psiquiatria (APA, 1980) e da Classificação Internacional de Doenças, da Organização Mundial da Saúde – CID 9 (1984) (SALLE et al, 2005).

Segundo Gadia, Tuchman e Rotta (2004), o autismo não é uma doença única e sim um distúrbio do desenvolvimento bem complexo, com várias etiologias e graus variados de severidade. Sua apresentação fenotípica pode ser influenciada por fatores associados, que não necessariamente façam parte das características principais deste distúrbio. As alterações comportamentais que definem o autismo incluem déficits qualitativos na comunicação e interação social, comportamentos estereotipados e repetitivos e um repertório restrito de interesses.

Essas áreas de déficits no desenvolvimento são explicadas a partir de três aspectos de acordo com Melo (2004):

O primeiro refere-se aos Problemas de Comunicação, sendo a dificuldade em utilizar, com sentido, todos os aspectos da comunicação verbal e não verbal, incluindo gestos, expressões faciais, linguagem corporal e ritmo (MELO, 2004). Muitas crianças com autismo não falam para se comunicar, sendo assim caracterizadas como não verbais. As crianças que são verbais têm sua fala geralmente caracterizada por repetições de falas que já ouviram, denominado de ecolalia.

As dificuldades na comunicação ocorrem em graus variados, tanto na habilidade verbal quanto na não-verbal de compartilhar informações com outros. Algumas crianças não desenvolvem habilidades de comunicação. Outras têm uma linguagem imatura, caracterizada por jargão, ecolalia, reversões de pronome, prosódia anormal, entonação monótona, etc. Os que têm capacidade expressiva adequada podem ter inabilidade em iniciar ou manter uma conversa apropriada. Os déficits de linguagem e de comunicação persistem na vida adulta, e uma proporção significativa de autistas permanece não-verbal. Aqueles que adquirem habilidades verbais podem demonstrar déficits persistentes em estabelecer conversa, tais como falta de reciprocidade, dificuldades em compreender sutilezas de linguagem, piadas ou sarcasmo, bem como problemas para interpretar linguagem corporal e expressões faciais (GADIA, TUCHMAN e ROTTA, 2004, p. 584)

O segundo aspecto refere-se aos Problemas de Interação Social: A criança apresenta dificuldades em se relacionar com os outros, de compartilhar sentimentos, gostos e emoções e sentem dificuldade em discriminar pessoas diferentes (MELO, 2004). Muitas vezes elas aparentam ter seu mundo próprio e não procuram outras crianças para lhe fazerem companhia.

As dificuldades na interação social em TID podem manifestar-se como isolamento ou comportamento social impróprio; pobre contato visual; dificuldade em participar de atividades em grupo; indiferença afetiva ou demonstrações inapropriadas de afeto; falta de empatia social ou emocional. À medida que esses indivíduos entram na idade adulta, há, em geral, uma diminuição do isolamento social, mas a pobre habilidade social e a dificuldade em estabelecer amizades persistem (GADIA, TUCHMAN e ROTTA, 2004, p. 584).

O terceiro e último aspecto aborda os Interesses restritos e repetitivos: Caracteriza-se por rigidez e inflexibilidade, e se estende por várias áreas do pensamento e linguagem da criança, como por exemplo, comportamentos obsessivos e ritualísticos, falta de aceitação a mudanças e dificuldades em processos criativos (MELO, 2004).

Os padrões repetitivos e estereotipados de comportamento característicos do autismo incluem resistência a mudanças, insistência em determinadas rotinas, apego excessivo a objetos e fascínio com o movimento de peças (tais como rodas ou hélices). Embora algumas crianças pareçam brincar, elas se preocupam mais em alinhar ou manusear os brinquedos do que em usá-los para sua finalidade simbólica. Estereotípias motoras e verbais, tais como se balançar, bater palmas repetitivamente, andar em círculos ou repetir determinadas palavras, frases ou canções são também manifestações frequentes em autistas. No adulto autista, há uma melhora na adaptação a mudanças, mas os interesses restritos persistem, e aqueles com habilidades cognitivas adequadas tendem a concentrar seus interesses em tópicos limitados, tais como horários de trens/aviões, mapas ou fatos históricos, etc., os quais dominam suas vidas (GADIA, TUCHMAN, ROTTA, 2004, p. 584)

Com o passar do tempo, e com a evolução destes conceitos, o CID 10 (WHO, 1992) passa a classificar o autismo como um Transtorno Invasivo do Desenvolvimento, tendo em vista mais quatro distúrbios com quadros autísticos: Síndrome de Aperger; Autismo Típico; Transtorno de Rett e Transtorno Desintegrativo da Infância (CUNHA, 2011).

Outra definição de autismo foi publicada no DSM IV (APA, 1995), sendo caracterizado como:

Comprometimento acentuado no uso de múltiplos comportamentos não verbais, tais como: contato visual direto, expressão facial, posturas corporais e gestos para regular a interação social e acentuado fracasso em desenvolver habilidades, com os pares, apropriadas ao seu nível de desenvolvimento. Existe uma falta de tentativa espontânea de compartilhar prazer, interesses ou realizações com outras pessoas, e não há reciprocidade social ou emocional. O comprometimento qualitativo na comunicação é acentuado pelo atraso ou ausência total de desenvolvimento da linguagem falada. Nos casos em que a fala é adequada, existe um acentuado comprometimento da capacidade de iniciar ou manter uma conversação. É comum o uso estereotipado e repetitivo da linguagem ou linguagem idiossincrásica (SOUZA et al, 2004, p.26)

O conceito do autismo infantil vem se modificando desde a sua descrição inicial, passando a ser agrupada em um contínuo de condições que possui várias similaridades, denominadas de Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD), e mais

recentemente denominam-se Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) para se referir a uma parte dos Transtornos Globais do Desenvolvimento: Autismo, Síndrome de Asperger e Transtornos Globais do Desenvolvimento sem outras especificações, excluindo, portanto a Síndrome de Rett e o Transtorno Desintegrativo da Infância (BRASIL, 2013).

Recentemente, foi aprovada no Congresso Nacional a Lei nº 12.764 de 27 de dezembro de 2012, que institui a Política Nacional de proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. A Lei define em seu § 1º que: [...] é considerada pessoa com transtorno do espectro autista aquela portadora de síndrome clínica caracterizada na forma dos seguintes incisos I ou II:

I – deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação sociais, manifestada por deficiência marcada de comunicação verbal e não verbal usada para interação social; ausência de reciprocidade social; falência em desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento;

II – padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades, manifestados por comportamentos motores ou verbais estereotipados ou por comportamentos sensoriais incomuns; excessiva aderência a rotinas e padrões de comportamento ritualizados; interesses restritos e fixos (BRASIL, 2012, p.1).

Esta Lei é resultado de um longo processo de lutas de movimentos sociais, entre os quais, entidades e associações de pais de pessoas com transtorno do espectro do autismo que, passo a passo, vem conquistando espaço para ajudar na construção da equidade e da integralidade nos cuidados da pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (BRASIL, 2013).

Ressalta-se que as causas do Autismo ainda permanecem desconhecidas. De acordo com Melo (2004), esse transtorno pode ter ligações de origem genética, anormalidades em alguma parte do cérebro ou possíveis ocorrências durante a gestação ou parto. Enquanto não forem identificadas as causas reais, várias hipóteses são colocadas. Smith (2008) relata que as causas já sugeridas para explicar o Autismo incluíram toxinas ambientais, anomalias gastrintestinais e sintomas do sarampo, caxumba e rubéola.

Na literatura encontra-se diferentes pressupostos teóricos que discutem a respeito do autismo, propondo novas etiologias e contribuições para o assunto, dentre

eles destacam as Teorias Psicanalíticas, Teorias Afetivas, Teoria da Mente e Teorias Neuropsicológicas e de Processamento da Informação.

A Teoria Psicanalítica tem maior enfoque em descrever o funcionamento mental, os estados afetivos e o modo de relacionamento da criança com as outras pessoas, sua preocupação foge das questões etiológicas, sendo que a criança é vista como um bebê passivo e pouco receptivo às experiências que o ambiente lhe oferece. Os Psicanalistas mostram-se bastante críticos diante das afirmações de que o autismo seja decorrente de problemas na qualidade materna, e que os pais não forneciam condições necessárias para que a criança abandonasse este estado de isolamento (BOSA, CALLIAS, 2000).

A Teoria Afetiva propõe a origem do autismo através de uma disfunção primária do sistema afetivo, ou seja, deve-se a uma falta de habilidade para interagirem emocionalmente com outras pessoas, levando a uma falha no reconhecimento dos estados mentais e a um prejuízo na habilidade para simbolizar e abstrair. Alguns déficits encontrados no reconhecimento da emoção e na habilidade de utilizar a linguagem com o contexto social deve-se a uma consequência da disfunção afetiva, que pode impedir a criança de ter novas experiências sociais. (BOSA, CALLIAS, 2000).

A Teoria da Mente, assim como as Teorias Afetivas, defendem a noção de que há um déficit inato nas habilidades de um contato afetivo com outras pessoas no autismo. “Surgiram às explicações de danos na capacidade de meta-representar, ou mais especificamente, na habilidade de desenvolver uma teoria da mente, como fator explicativo da síndrome do autismo”. O nome da teoria significa a capacidade para atribuir estados mentais a outras pessoas e foi empregado porque esse processo “envolve um sistema de interferências sobre estados que não são diretamente observáveis e que podem ser usados para prever o comportamento” (BOSA, CALLIAS, 2000, p.10).

E as Teorias Neuropsicológicas e de Processamento da Informação acreditam que essas crianças mostram déficits cognitivos específicos, como percepção de ordem e significado, dificuldades em utilizar *input* sensorial, e tendências a guardar informações visuais utilizando um código visual, ao contrário das crianças com desenvolvimento normal que utilizam códigos verbais e/ou auditivos (BOSA, CALLIAS, 2000, p.14).

Segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2013), o autismo é considerado uma síndrome neuropsiquiátrica e, mesmo sem uma causa específica, estudos sugerem a presença de fatores genéticos e neurobiológicos que podem estar associados ao autismo.

Klaplan (1997) afirma que o transtorno autista é encontrado com uma frequência maior em meninos, uma vez que ocorre de três a cinco vezes mais em meninos que em meninas, sobretudo quando meninas são diagnosticadas, tendem a ser afetadas mais severamente. Segundo Bosa e Callias (2000), a Associação Brasileira de Autismo em 1997 mostrou que, apesar de não haver dados estatísticos, estimava-se que existiam aproximadamente 600 mil pessoas afetadas pela síndrome.

O diagnóstico do autismo hoje conta com vários instrumentos que tendem a avaliar a interação social, a comunicação e os padrões restritos e repetitivos de comportamento e interesses, e mesmo assim é necessário obter um critério diagnóstico preciso, para que seja possível uma intervenção precoce e individualizada (FERREIRA, TEIXEIRA, BRITO, 2011).

O diagnóstico deve ser feito essencialmente na presença de um médico especialista (psiquiatra e/ou neurologista), acompanhados de outros profissionais, constituindo uma equipe multidisciplinar capacitada para reconhecer este transtorno. A equipe multidisciplinar deve ser formada por pelo menos um médico psiquiatra ou neurologista, psicólogo e fonoaudiólogo, e cada profissional realizará sua observação dentro da sua área (BRASIL, 2013).

Este diagnóstico é feito através dos critérios estabelecidos pelo Manual Estatístico e Diagnóstico da Associação Americana de Psiquiatria, o DSM, que já contempla sua quinta edição. Segundo o DSM-V (APA, 2013), Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é o novo nome proposto para esses transtornos e reflete um consenso científico de que quatro desordens previamente separadas representam uma única condição com diferentes níveis de gravidade dos sintomas em dois domínios fundamentais. TEA agora engloba as desordens anteriores do DSM-IV: autismo, transtorno de Asperger, transtorno desintegrativo da infância e transtornos invasivos do desenvolvimento sem outra especificação. O TEA passa a ser caracterizado por: 1) déficits na comunicação e interação social e 2) comportamentos, interesses e atividades restritos e repetitivos.

Considerando a importância e a prevalência do Transtorno do Espectro do Autismo no Brasil e a preocupação consideravelmente recente acerca desse termo, o objetivo desta pesquisa é realizar um levantamento bibliográfico dos trabalhos sobre Autismo nos Periódicos CAPES e Scielo (*Scientific Electronic Library Online*), para, então, gerar um relatório quantitativo de revisão mostrando quantos trabalhos foram publicados, para analisarmos a preocupação que há em torno deste tema. Será realizada uma categorização desses trabalhos para que se possa identificar como tem sido o desenvolvimento científico a respeito desse tema no Brasil. Os trabalhos serão agrupados de acordo com algumas variáveis para que se produza um panorama geral dessa área.

2. METODOLOGIA

Foi realizada uma busca eletrônica por artigos publicados nas bases de dados Portal de Periódicos da Capes e Scielo (*Scientific Electronic Library Online*). O descritor utilizado foi “autismo”. Não foi considerado nenhum limite de data de publicação, também não foi considerada nenhuma abordagem teórica específica.

Em seguida, os títulos e resumos de cada artigo foram lidos. Foram selecionados para análise dos resultados e discussão somente os artigos teóricos e experimentais que discutem as questões relevantes para esse trabalho. Se o título e o resumo não fornecessem informações suficientes, o artigo era lido por completo.

Após a seleção, foi realizada a leitura cuidadosa de cada artigo, para o levantamento das informações relevantes para o presente estudo:

- ano de publicação: essa informação foi utilizada para verificar como tem se dado o desenvolvimento desse tema no Brasil e se tem havido uma tendência ao crescimento no interesse por essa população nos últimos anos.
- tipo de pesquisa: foram definidos dois tipos, pesquisa teórica e pesquisa empírica, com o objetivo de identificar se a preocupação principal dos pesquisadores está mais relacionada a entender o transtorno ou a desenvolver métodos de intervenção e, dessa forma, identificar em qual área há maiores lacunas.
- participantes: foram recuperados detalhes das características dos participantes, como idade, gênero, diagnóstico, déficits comportamentais e de comunicação, em pesquisas empíricas para identificar qual população tem recebido maior interesse e discutir se a intervenção precoce tem sido realizada em nosso país.
- filiação dos autores: ao identificar quais universidades e instituições tem publicado trabalhos nessa área, foi possível traçar um panorama nacional de quais Estados tem dado maior ênfase ao transtorno e identificar onde maiores esforços deverão ser empregados com o objetivo de disseminar o conhecimento acerca desse tema.

Os dados obtidos estão sintetizados por meio de tabelas e gráficos, para facilitar a interpretação e visualização dessas informações.

3. RESULTADOS

A busca nos dois periódicos nos resultou os seguintes resultados:

- Scielo: Com o descritor “autismo” foi encontrado inicialmente 156 artigos, que passados por um refinamento de idioma, pois queríamos apenas artigos brasileiros, nos remeteu a 105 artigos, que foram lidos pelos resumos para ver se apresentavam relevância ao trabalho, sendo assim restaram apenas 89 artigos que eram de interesse para este trabalho..
- CAPES: Com o descritor “autismo” foi encontrado inicialmente 812 trabalhos, que passados por um refinamento de idioma, pois queríamos apenas artigos brasileiros e selecionando a área de interesse para educação especial, , nos remeteu a 99 trabalhos, que foram lidos pelos resumos para ver se apresentavam relevância ao trabalho, sendo assim restaram apenas 24 artigos que eram de interesse para este trabalho.

Após a leitura cuidadosa dos títulos, dos resumos e do texto completo, foram identificados 72 artigos experimentais e 41 artigos teóricos, num total de 113 publicações nas bases de dados do Scielo e do Periódicos CAPES. A Quadro 1 apresenta o ano e os autores das publicações teóricas e a Tabela 2 apresenta o ano e os autores das publicações experimentais, de acordo com a ordem crescente do ano de publicação. A primeira publicação identificada data de 1998 e, desde então, há o registro de pelo menos uma publicação ao ano, sendo que em 2008, 2010 e 2011 foram encontradas 16 publicações, entre artigos teóricos e experimentais, conforme pode ser observado na Figura 1.

QUADRO 1.

Lista dos artigos classificados como teóricos, apresentados em ordem crescente do ano de publicação.

Ano	Autores	Ano	Autores
2000	Assumpção Jr; Pimentel	2008	Orrú

2000	Bosa; Callias	2008	Tamanaha; Perissinoto; Chiari
2000	Kupfer	2008	Borges
2001	Bosa	2009	Saad; Goldfeld
2002	Bosa	2009	Lampreia
2002	Teixeira	2009	Camargo; Bosa
2003	Allouch	2010	Teixeira Et Al
2003	Lampreia	2010	Nunes; Nunes Sobrinho
2004	Lampreia	2010	Gomes; Varella; Souza
2004	Souza	2010	Januário; Tafuri
2004	Gadia; Tuchmam; Rotta	2010	Montardo; Passerino
2004	Carvalheira; Vergani; Brunoni	2010	Orrú
2005	Souza; Bosa; Hugo	2010	Freire; Oliveira
2006	Gupta; State	2010	Gomes; Mendes
2006	Mercadante; Van Der Gaag; Schwartzman	2011	Rossi; Carvalho
2006	Nikolov; Jonker; Scahill	2011	Garcia; Lampreia
2006	Klin	2011	Timo; Maia; Ribeiro
2006	Klin Et Al	2012	Ramos; Morins
2006	Bosa	2012	Visani; Rabelo
2007	Lampreia	2012	Schmidt

Fonte Própria

QUADRO 2.

Lista dos artigos classificados como experimentais, apresentados em ordem crescente do ano de publicação.

Ano	Autores	Ano	Autores
1998	Costa; Nunesmaia	2009	Freitas
1999	Assumpção Jr et al.	2009	Kwee; Sampaio; Atherino
1999	Assumpção Jr et al.	2009	Lira
2001	Bruck Et Al.	2009	Lopes Herrera
2001	Sprovieri; Assumpção Jr	2009	Miilher; Fernandes
2004	Gomes; Bosa	2009	Orsati
2004	Leitão	2009	Passerino; Santarosa; Tarouco
2005	Souza; Bosa; Hugo	2009	Vasques
2006	Cardoso; Fernandes	2010	Alves
2006	Elias; Assumpção Jr	2010	Bagarollo; Panhoca
2006	Miilher; Fernandes	2010	Cruz
2006	Rêgo; Carvalho	2010	Erba
2006	Sampaio; Geraldles	2010	Magliaro
2007	Gomes	2010	Misquiati; Brito
2007	Marques; Arruda	2010	Sifuentes; Bosa
2007	Monteiro; Ribeiro; Bastos	2010	Walter; Almeida
2007	Passerino; Santarosa	2011	Amato
2007	Schmidt; Dell'aglio; Bosa	2011	Castro; Panhoca; Zanolli
2007	Silva; Lopes-Herrera; De Vitto	2011	Cruz
2008	Coelho; Iemma; Lopes-Herrera	2011	Fernandes
2008	Farias; Maranhão; Cunha	2011	Ferreira; Teixeira; Britto
2008	Fernandes	2011	Marques; Dixe
2008	Fernandes; Miilher	2011	Mattos; Nuemberg

2008	Gomes; Souza	2011	Mecca
2008	Lopes-Herrera; Almeida	2011	Moro; Souza
2008	Losapio; Pondé	2011	Regina; Nascimento; Assumpção Jr
2008	Machado	2011	Rodrigues; Tamanaha; Perissinoto
2008	Menezes; Perissinoto	2011	Smeha; César
2008	Monteiro	2011	Tamanaha; Perissinoto
2008	Pereira; Riesgo; Wagner	2012	Araújo; Santos
2008	Sanini	2012	Balestro; Fernandes
2008	Tamanaha; Perissinoto	2012	Brande; Zanafelice
2009	Campelo	2012	Camargo; Bosa
2009	Delfrate; Santana; Massi	2012	Carvalho
2009	Ebsworth; Ruiz	2013	Giardinetto; Boettger; Capellini
2009	Fiaes; Bichara	2013	Miilher; Fernandes
Fonte Própria			

A Figura 1 apresenta o número de publicações por ano e a Figura 2 apresenta o número cumulativo de publicações por ano .

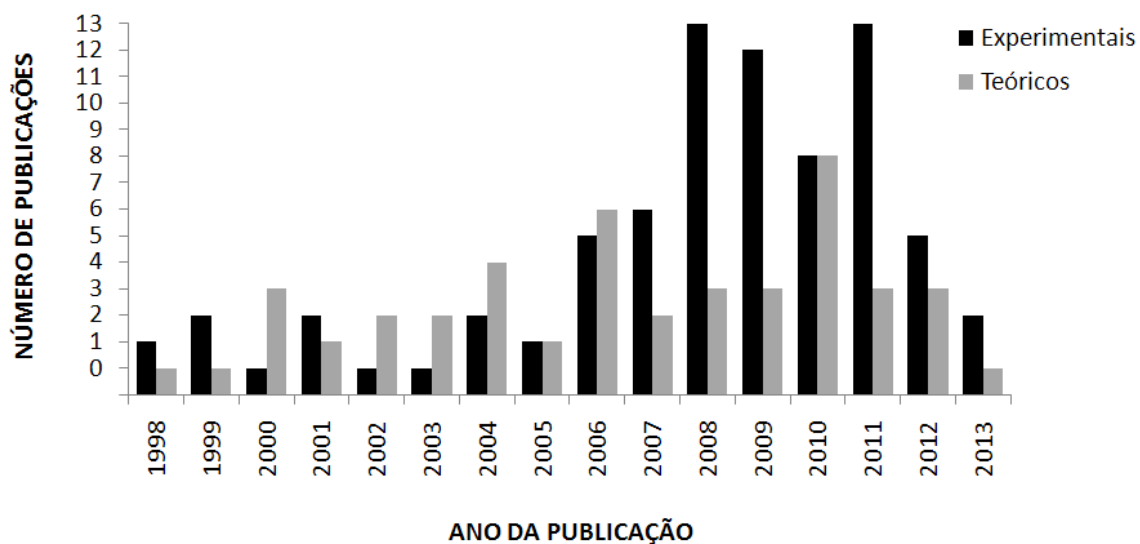


Figura 1. Número de publicações experimentais e teóricas por ano. As barras escuras representam o número de publicações experimentais em cada ano. As barras claras representam o número de publicações teóricas em cada ano.

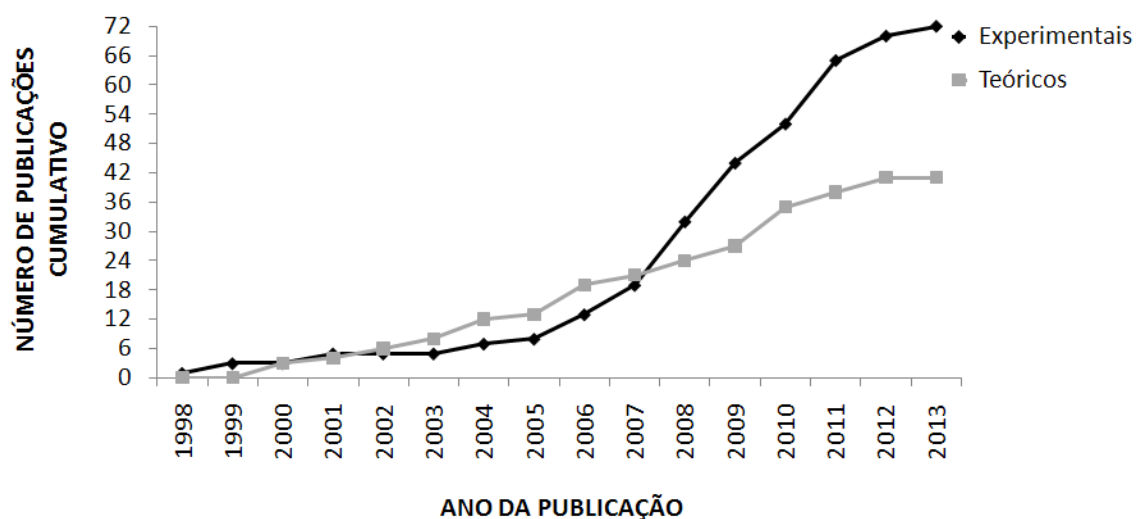


Figura 2. Número cumulativo de publicações experimentais e teóricas por ano. Os losangos pretos representam o número cumulativo de publicações experimentais em

cada ano. Os quadrados cinza representam o número cumulativo de publicações teóricas em cada ano.

Nota-se, pelos gráficos das Figuras 1 e 2, que, de maneira geral, até o ano de 2006 havia um número maior de publicações de estudos teóricos (19 estudos teóricos e 13 experimentais no período de 1998 a 2006). Esses números podem indicar que, no Brasil, os pesquisadores ainda tinham seus esforços voltados para entender e caracterizar esse transtorno, ao mesmo tempo em que as discussões voltavam-se para quais seriam os métodos e intervenções existentes e que poderiam trazer melhores resultados para o desenvolvimento geral dessa população. Nota-se também nos gráficos das Figuras 1 e 2 que, a partir de 2006, há um aumento significativo no número de publicações sobre autismo. De 1998 a 2005, a média de publicações por ano foi de 2,6; de 2006 a 2013 a média de publicações por ano aumentou para 11,5.

A Tabela 3 apresenta uma lista das dez universidades brasileiras, as quais os autores pertenciam à época da publicação, com maior número de trabalhos sobre autismo.

QUADRO 3.

Número de publicações por universidade e Estado brasileiro.

Universidade	Estado	Sigla	Número de Publicações
Universidade de São Paulo	SP	USP	19
Universidade Federal do Rio Grande do Sul	RS	UFRGS	16
Universidade Federal de São Paulo	SP	UNIFESP	8
Universidade Federal de São Carlos	SP	UFSCar	6
Pontifícia Universidade Católica	RJ	PUC - RJ	5
Universidade Presbiteriana Mackenzie	SP	Mackenzie	4
Universidade Estadual Paulista	SP	UNESP	3
Universidade Federal do Rio de Janeiro	RJ	UFRJ	3
Universidade Estadual de Campinas	SP	UNICAMP	3
Universidade Federal do Pernambuco	PE	UFPE	3

Fonte Própria

Como pode ser observado na Tabela 3, com exceção da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da Universidade Federal do Pernambuco, a grande

maioria das publicações (51 artigos) é de autores que pertenciam a universidades localizadas na região sudeste brasileira. Esses dados podem ser um reflexo direto da grande dificuldade ainda enfrentada em nosso país em relação ao número de profissionais capacitados para realizar o diagnóstico preciso e confiável do transtorno do espectro autista e em que regiões do país eles estão localizados. Entretanto, nota-se, recentemente, que tem surgido publicações de autores de outras universidades, espalhadas por todas as regiões do país, como Universidade de Santa Maria, Universidade Federal do Paraná, Universidade Federal do Piauí, Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade de Fortaleza, Universidade de Brasília, Universidade Católica Dom Bosco (MS).

A Figura 3 apresenta o número de publicações de acordo com a idade dos participantes. Esse número é maior do que o número de publicações selecionadas, pois, em alguns estudos, há participantes que pertencem a diferentes faixas etárias.

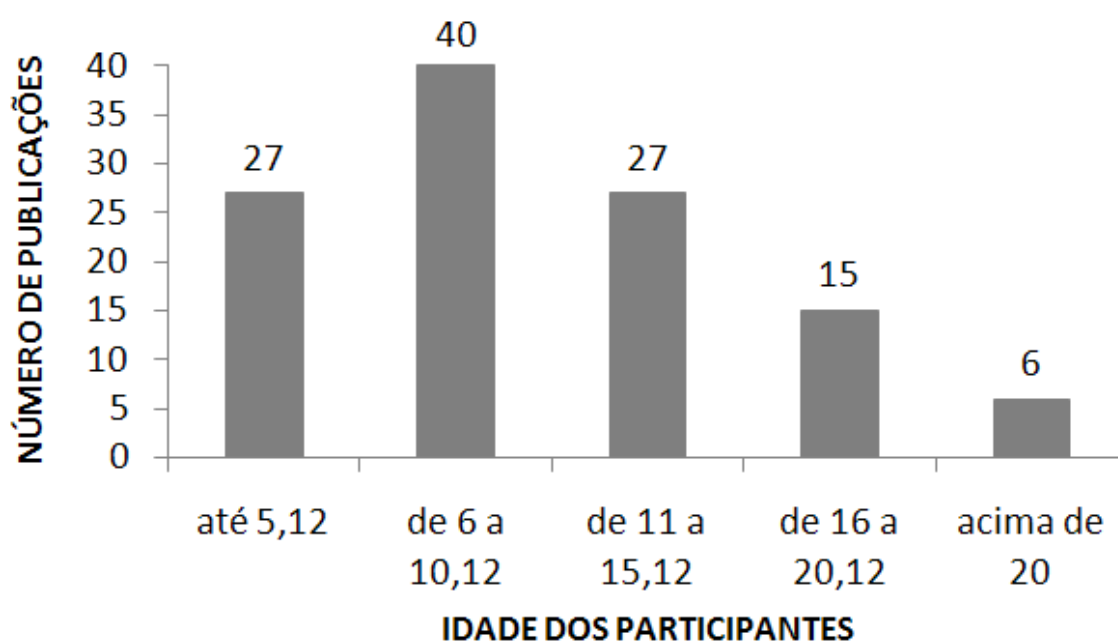


Figura 3. Número cumulativo de publicações experimentais de acordo com a idade dos participantes.

Nota-se na Figura 3 que há um número maior de estudos realizados com crianças de 6 a 16 anos, mais uma vez um possível reflexo da dificuldade em se realizar

diagnóstico precoce desse transtorno. Entretanto, o número de estudos realizados com crianças com idades abaixo do 6 anos tem crescido.

4. DISCUSSÃO

O objetivo geral deste trabalho foi realizar um levantamento bibliográfico dos trabalhos sobre Autismo nos Periódicos CAPES e Scielo (*Scientific Electronic Library Online*), para, então, gerar um relatório quantitativo de revisão mostrando quantos trabalhos foram publicados, sem considerar data limite para as publicações. Foram encontradas 113 publicações, sendo elas 41 artigos classificados como teóricos e 72 classificados como experimentais.

As publicações datam de 1998 até 2013, registrando ao menos uma publicação ao ano, sendo que em 2008, 2010 e 2011 foram encontradas 16 publicações por ano, entre artigos teóricos e experimentais. Nos anos de 1999, 2002, 2003, 2005 e 2013 foram encontrados apenas 2 artigos, com quantidades iguais entre artigos experimentais e teóricos. Esses dados indicam a falta de periodicidade nas publicações sobre o autismo.

As publicações teóricas de maior quantidade estão concentradas nos anos de 2006 e 2010, sendo 6 publicações no ano de 2006 e 8 publicações no ano de 2010. Quase todas as publicações teóricas encontradas no ano de 2006, nas quais os pesquisadores relatam o autismo em uma abordagem clínica, trazem definições do *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – DSM IV* e da Classificação Internacional de Doenças, da Organização Mundial da Saúde – CID 10 e características da síndrome, possíveis causas, tratamentos e perfil do indivíduo que tem a síndrome. Já no ano de 2009 percebemos que os pesquisadores começaram a se preocupar com o aluno com Autismo no contexto de sala de aula (CAMARGO; BOSA, 2009; CUNHA, 2009; BRANDE), de sua inserção no ensino regular e de como este aluno irá aprender, sem deixar de lado os aspectos clínicos da síndrome. Em 2012, há uma retomada nessa discussão (ZANFELICE, 2012; CAMARGO; BOSA, 2012).

Nota-se um grande crescimento nas publicações no ano de 2008. Esse é o mesmo ano em que é publicado o Decreto n°.6571 de 17/09/2008 que dispõe sobre o Atendimento Educacional Especializado e decreta no seu artigo 1º que “A união prestará apoio técnico e financeiro aos sistemas públicos de ensino com a finalidade de ampliar a oferta do Atendimento Educacional Especializado (AEE) aos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades, matriculados na

rede pública de ensino. Prevê implantação de salas de recursos multifuncionais; formação continuada de professores para o AEE; a adequação arquitetônica”. Tendo em vista a necessidade do atendimento especializado para os alunos público alvo da educação especial, torna-se essencial a busca pelo entendimento de quem são esses alunos e de que métodos de ensino seriam mais eficazes. Esse é o caso em que a ciência passa a exercer papel fundamental na ponte entre o desenvolvimento do saber e a divulgação desse saber para os profissionais envolvidos.

Podemos também nos referir, ainda no ano de 2008 à Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, de 07 de janeiro de 2008, que traz que a educação especial é uma modalidade transversal, que abrange desde a educação infantil até o ensino superior, estabelece quem são os alunos atendidos pela Educação Especial, no caso alunos com deficiência, Transtornos Globais do desenvolvimento e Altas habilidades/Superdotação e engloba também a questão do Atendimento Educacional Especializado (AEE), que deve ser oferecido preferencialmente no contra turno do ensino regular para os alunos atendidos pela Educação Especial.

Em 2008 nota-se também que o número cumulativo de publicações de artigos experimentais passa a ser maior que o de artigos teóricos. Esses dados podem indicar que os pesquisadores brasileiros, até o ano de 2008, ainda estavam na busca do entendimento desse transtorno tão complexo, com uma infinidade de possíveis quadros que se diferenciam entre cada indivíduo. Dentro do espectro, há indivíduos que apresentam desde características mínimas definidoras do autismo até indivíduos que apresentam déficits graves em todas as dimensões da tríade autista: interação social, comunicação verbal e não-verbal, comportamentos e interesses restritos e repetitivos. Nessa mesma linha, Gadia, Tuchman e Rotta (2004) descrevem que o autismo não é uma doença única e sim um distúrbio do desenvolvimento bem complexo, com várias etiologias e graus variados de severidade.

Principalmente, até o ano de 2008, muito se discutiu acerca das psicopatologias do autismo (ALLOUCH, 2003), das diferentes abordagens explicativas e de intervenção (LAMPREIA, 2004; BOSA; CALLIAS, 2000; BOSA, 2006), da forma peculiar de comunicação (CARDOSO; FERNANDES, 2006), dos componentes biológicos (CARVALHEIRA; VERGANI; BRUNONI, 2004; BORGES et al, 2008;

GUPTA; STATE, 2006), ao mesmo tempo que protocolos de avaliação diagnóstica eram traduzidos e adaptados (ASSUMPÇÃO JR, 1999; KLIN, 2006; MARINHO, 2007).

Entretanto, nos anos de 2012 e 2013, segundo os dados apresentados, apesar de ainda haver mais estudos experimentais, o número de publicações voltou a diminuir e as poucas publicações encontradas concentram-se, principalmente, nas questões de inclusão escolar (BRANDE; ZANFELICE, 2012; CAMARGO; BOSA, 2012) e do entendimento desse transtorno por professores da rede regular (ARAÚJO; SOUZA, 2012) e por educadores especiais (GIARDINETTO; BOETTGER; CAPELLINI, 2013). Há ainda uma publicação que discute as questões do diagnóstico precoce (VISANI; RABELLO, 2012), apontado como um fator essencial para o estabelecimento de estratégias terapêuticas e de ensino para um melhor desenvolvimento das crianças com diagnóstico de TEA.

Nas definições anteriores do DSM, a Síndrome de Asperger era uma categoria dentro dos transtornos globais do desenvolvimento, caracterizada como a categoria em que a criança apresentava maior número de competências, mas ainda assim apresentava déficits na tríade do autismo (déficits de comunicação, interação e comportamentos). Entre as publicações encontradas, apenas 6% (sete das 113 publicações) tratavam diretamente dessa síndrome (CRUZ, 2011; KLIN, 2006; LOPES-HERRERA, 2009; LOPES-HERRERA; ALMEIDA, 2008; MONTARDO; PASSERINO, 2010; ORRÚ, 2010; TAMANAHA; PERISSINOTO; CHIARI, 2008). Essa pequena porcentagem pode ser função de a criança com Asperger poder tornar-se membro da comunidade sem maiores impedimentos, muitas vezes, apresentando capacidades acadêmicas e de vida diária com bastante competência. Entretanto, é importante ressaltar que alguns déficits estarão presentes e que precisam ser minimizados para uma inclusão escolar e social completa.

Os dados da Tabela 3 indicam uma grande concentração de publicações por pesquisadores de universidades localizadas na região Sudeste brasileira. Isso pode ser um reflexo direto da grande dificuldade ainda enfrentada em nosso país em relação ao número de profissionais capacitados para realizar o diagnóstico preciso e confiável do transtorno do espectro autista e em que regiões do país esses profissionais estão localizados. Fatores culturais e de formação dos pais também podem exercer grande

influência, pois, muitas vezes, são eles que devem dar o primeiro passo no sentido de procurar os profissionais competentes para a efetivação do diagnóstico apropriado. Entretanto, nota-se, recentemente, que têm surgido publicações de autores de outras universidades, espalhadas por todas as regiões do país, como Universidade de Santa Maria, Universidade Federal do Paraná, Universidade Federal do Piauí, Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade de Fortaleza, Universidade de Brasília, Universidade Católica Dom Bosco (MS).

A distribuição dos estudos de acordo com a faixa etária dos participantes indica que há um número maior de estudos realizados com crianças de 6 a 16 anos, mais uma vez um possível reflexo da dificuldade em se realizar diagnóstico precoce desse transtorno ou a falta de informação dos pais e professores. Em muitos casos, as características do transtorno são confundidas com timidez, surdez, simples atraso na aquisição da fala, e assim por diante. Entretanto, o número de estudos realizados com crianças com idades abaixo dos 6 anos tem crescido. Ferreira, Teixeira, e Brito (2011) afirmam que o diagnóstico do autismo conta, atualmente, com vários instrumentos de avaliação, mas, mesmo assim, é necessário obter um critério diagnóstico mais preciso, para que seja possível uma intervenção mais precoce e individualizada.

De maneira geral, os dados encontrados nessa revisão indicam os esforços dos pesquisadores brasileiros em entender e tratar os transtornos do espectro autista. A busca de maneiras eficientes de diagnóstico, através de diversos protocolos, e de formação de profissionais, entre os quais professores e educadores especiais que irão atuar diretamente com essa população, é um passo essencial para que se possam estabelecer formas eficientes e eficazes de preparar crianças e adolescentes com TEA para uma participação mais efetiva na sociedade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi um grande desafio elaborar uma pesquisa sobre um tema que vem ganhando um olhar mais direcionado nesses últimos tempos. Pesquisadores estão se empenhando para encontrar novas formas de tratamento, de diagnóstico e até de possíveis causas, que até hoje são desconhecidas. Recentemente, a mídia também inseriu sem seu contexto o tema “Autismo”, através de uma personagem em uma novela, e esse pode ser um pequeno passo para que novos espaços sejam conquistados pelas pessoas com TEA.

Algumas dificuldades foram encontradas ao longo do processo de elaboração do trabalho, mas a principal foi em relação ao tempo, que não se mostrou muito favorável por ser um período curto, mas essa barreira foi vencida para que pudesse vir as realizações e os frutos do trabalho, que proporcionou um conhecimento diferenciado e uma experiência nova adquirida.

Durante a realização do levantamento bibliográfico, foi possível perceber o quão amplo e abrangente é o tema, encontrando pesquisadores de diversas áreas, dando sua contribuição para o tema, desde pesquisas da área médica e educação até temas que envolvem a área das ciências exatas, mas mesmo assim, a quantidade de pesquisas ainda é pequena, comparada ao longo tempo em que se é falado sobre o autismo, e ao decorrer da pesquisa pode ser observado a preocupação que está nascendo por parte dos pesquisadores em encontrar cada vez mais evidências empíricas que tragam novas informações a respeito do TEA.

Concluindo, pode-se dizer que, os objetivos da pesquisa foram alcançados, e os resultados encontrados terão grande importância não só em minha formação acadêmica, mas na de outras pessoas que pesquisam sobre esta área, visto que este trabalho poderá dar subsídios e ajudar outros pesquisadores que desejam estudar mais a fundo o tema.

6. REFERÊNCIAS

- ALLOUCH, Eliane. **As psicopatologias do apoio: autismo, adicção, somatização.** *Ágora (Rio J.)*. v.6 n.1, Jun. 2003.
- ALVES, Nelson et al. **Educação musical na intervenção precoce.** *Inclusão*, nº10, 2010, 29-38.
- AMATO, Cibelle Albuquerque de La Higuera et al. **Fatores intervenientes na terapia fonoaudiológica de crianças autistas.** *Rev. soc. bras. fonoaudiol.* v.16 n.1, Mar. 2011
- American Psychiatric Association (2013). **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders** (5 th ed.)
- ASSUMPÇÃO JR, Francisco B.; PIMENTEL, Ana Cristina M. **Autismo infantil.** *Rev. Bras. Psiquiatr.*, Dez 2000, vol.22, suppl.2, p.37-39.
- ASSUMPÇÃO JR, Francisco Baptista. et al. **Reconhecimento facial e autismo.** *Arq. Neuro-Psiquiatr.* v.57 n.4, Dez. 1999.
- ASSUMPÇÃO JR., Francisco B. et al. **Escala de avaliação de traços autísticos (ATA): validade e confiabilidade de uma escala para a detecção de condutas artísticas.** *Arq. Neuro-Psiquiatr.* v.57 n.1, Mar. 1999.
- BAGAROLLO, Maria Fernanda; PANHOCA, Ivone. **A constituição da subjetividade de adolescentes autistas: um olhar para as histórias de vida.** *Rev. bras. educ. espec.*, Ago 2010, vol.16, no.2, p.231-250.
- BALESTRO, Juliana Izidro; FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda. **Questionário sobre dificuldades comunicativas percebidas por pais de crianças do espectro do autismo.** *Rev. soc. bras. fonoaudiol.* v.17 n.3, 2012.
- BORGES, Jeane Lessinger et al. **Avaliação neuropsicológica dos transtornos psicológicos na infância: um estudo de revisão.** *Psico-USF (Impr.)*, Jun 2008, vol.13, no.1, p.125-133.
- BOSA, C. A. ; CALLIAS, M. . **Autismo:** Breve revisão de diferentes abordagens. *Psicologia. Reflexão e Crítica*, v. 13, p. 167-177, 2000
- BOSA, Cleonice Alves. **As Relações entre Autismo, Comportamento Social e Função Executiva.** *Psicol. Reflex. Crit.*, 2001, vol.14, no.2, p.281-287.
- BOSA, Cleonice Alves. **Autismo: intervenções psicoeducacionais.** *Rev. Bras. Psiquiatr.* v.28 s.1, Maio. 2006.
- BOSA, Cleonice. **Atenção compartilhada e identificação precoce do autismo.** *Psicol. Reflex. Crit.*, 2002, vol.15, no.1, p.77-88.

BOSA, Cleonice; CALLIAS, Maria. **Autismo: breve revisão de diferentes abordagens.** *Psicol. Reflex. Crit.*, 2000, vol.13, no.1, p.167-177.

BRANDE, Carla Andréa ; ZANFELICE, Camila Cilene. **A inclusão escolar de um aluno com autismo: diferentes tempos de escuta, intervenção e aprendizagens.** *Revista Educação Especial*, 2012, Vol.25(42), p.43.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo.** Brasília: Ministério da Saúde, 2013. 74, p.

BRASIL, Presidência da República. **Lei nº 12.764 de 27 de dezembro de 2012.** Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista.

BRASIL, Presidência da República. **Decreto 6571 de 17 de setembro de 2008.** Dispõe do Atendimento Educacional Especializado, regulamenta o parágrafo único do artigo 60 da lei nº9394 de 20 de dezembro de 1996, e acrescenta dispositivo ao decreto nº 6253, de 13 de novembro de 2007.

BRASIL, Presidência da República. **Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** 2008

BRUCK, Isac et al. **Síndrome de Rett: estudo retrospectivo e prospectivo de 28 pacientes.** *Arq. Neuro-Psiquiatr.* v.59 n.2B, Jun. 2001.

CAMARGO, Sígla Pimentel Höher; BOSA, Cleonice Alves. **Competência social, inclusão escolar e autismo: um estudo de caso comparativo.** *Psic.: Teor. e Pesq.*, Set 2012, vol.28, no.3, p.315-324.

CAMARGO, Sígla Pimentel Höher; BOSA, Cleonice Alves. **Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura.** *Psicol. Soc.*, Abr 2009, vol.21, no.1, p.65-74.

CAMPELO, Lílían Dantas et al. **Autismo: um estudo de habilidades comunicativas em crianças.** *Rev. CEFAC.* v.11 n.4, Dez. 2009.

CARDOSO, Carla; FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda. **Relação entre os aspectos sócio cognitivos e perfil funcional da comunicação em um grupo de adolescentes do espectro autístico.** *Pró-Fono R. Atual. Cient.*, Jan 2006, vol.18, no.1, p.89-98.

CARVALHEIRA, Gianna; VERGANI, Naja; BRUNONI, Décio. **Genética do autismo.** *Rev. Bras. Psiquiatr.*, Dez 2004, vol.26, no.4, p.270-272.

CARVALHO, Glória Maria Monteiro de. **O ritmo como questão nas manifestações verbais singulares do autista.** *Rev. latinoam. psicopatol. fundam.* v.15 n.4, Dez. 2012.

CASTRO, Glenda Saccomano; PANHOCA, Ivone; ZANOLLI, Maria de Lurdes. **Interação comunicativa em contexto lúdico de duas crianças com Síndrome de Down, comportamentos autísticos e privação de estímulos.** *Psicol. Reflex. Crit.*, 2011, vol.24, no.4, p.730-738.

COELHO, Ana Cristina de Castro; IEMMA, Elisa Pinhata; LOPES-HERRERA, Simone Aparecida. **Relato de caso: privação sensorial de estímulos e comportamentos autísticos.** *Rev. soc. bras. fonoaudiol.* v.13 n.1, Mar. 2008.

COSTA, Maria Ione Ferreira da; NUNESMAIA, Henrique Gil da Silva. **Diagnóstico genético e clínico do autismo infantil.** *Arq. Neuro-Psiquiatr.* v.56 n.1, Mar. 1998.

CRUZ, Carla et al. **Criança autista: pais e professores – uma parceria de sucesso no desenvolvimento de competências.** 2010. *Millenium*, 39: 89-107.

CRUZ, Judite Zamith. **Atendimento especializado de crianças sobredotadas com perturbação associada: síndrome de Asperger.** 2011

CUNHA, E. **Autismo e inclusão:** Psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. Rio de Janeiro: Wak Editoria, 2009.

DELFRATE, Christiane de Bastos; SANTANA, Ana Paula de Oliveira; MASSI, Giselle de Athaide. **A aquisição de linguagem na criança com Autismo: um estudo de caso.** *Psicol. estud.*, Jun 2009, vol.14, no.2, p.321-331

EBSWORTH, Miriam Eisenstein ; RUIZ, Pedro M. **Ideais e realidade: uma aula reservada para crianças autistas bilíngües.** *Educação*, 2009, Vol.32(1), p.16.

ELIAS, Alexsandra V.; ASSUMPÇÃO JR, Francisco B. **Qualidade de vida e autismo.** *Arq. Neuro-Psiquiatr.* v.64 n.2a, Jun. 2006.

ERBA, Natália Ferraz De Camargo et al. **As especificidades do brincar de crianças com transtorno invasivo do desenvolvimento: a conquista gradual da capacidade simbólica.** *Revista Ciência em Extensão*, 2010, Vol.5(2)

FARIAS, Iara Maria de; MARANHÃO, Renata Veloso de Albuquerque; CUNHA, Ana Cristina Barros da. **Interação professor-aluno com autismo no contexto da educação inclusiva: análise do padrão de mediação do professor com base na teoria da Experiência de Aprendizagem Mediada (Mediated Learning Experience Theory) .** *Rev. bras. educ. espec.*, Dez 2008, vol.14, no.3, p.365-384.

FÁVERO, Maria Ângela Bravo; SANTOS, Manoel Antônio dos. **Autismo infantil e estresse familiar: uma revisão sistemática da literatura.** *Psicol. Reflex. Crit.*, Dez 2005, vol.18, no.3, p.358-369.

FERNANDES, Fernanda Dreux et al. **Fonoaudiologia e autismo: resultado de três diferentes modelos de terapia de linguagem.** *Pró-Fono R. Atual. Cient.*, Dez 2008, vol.20, no.4, p.267-272.

FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda et al. **Orientação a mães de crianças do espectro autístico a respeito da comunicação e linguagem.** *J. Soc. Bras. Fonoaudiol.* v.23 n.1, Mar. 2011

FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda; MIILHER, Liliane Perroud. **Relações entre a *Autistic Behavior Checklist* (ABC) e o perfil funcional da comunicação no espectro autístico.** *Pró-Fono R. Atual. Cient.*, Jun 2008, vol.20, no.2, p.111-116.

FERREIRA, P. R.; TEIXEIRA, E. V. da S.; BRITTO, D. B. de O. **Relato de caso: descrição da evolução da comunicação alternativa na pragmática do adulto portador de autismo.** *Rev. CEFAC*, Aug 13, 2010.

FERREIRA, Patrícia Reis; TEIXEIRA, Eny Viviane da Silva; BRITTO, Denise Brandão de Oliveira e. **Relato de caso: descrição da evolução da comunicação alternativa na pragmática do adulto portador de autismo.** *Rev. CEFAC*. v.13 n.3, Jun. 2011.

FIAES, Carla Silva; BICHARA, Ilka Dias. **Brincadeiras de faz-de-conta em crianças autistas: limites e possibilidades numa perspectiva evolucionista.** *Estud. psicol. (Natal)*. v.14 n.3, Dez. 2009.

FREIRE, Ana Beatriz; OLIVEIRA, Elisa Carvalho de. **Sobre o tratamento analítico de um caso de autismo: linguagem, objeto e gozo.** *Fractal, Rev. Psicol.* v.22 n.2, Ago. 2010.

FREITAS, Ana Beatriz Machado De. **A mediação lúdica no espectro autista: uma possibilidade comunicativa e de intervenção psicopedagógica.** *Revista Educação Especial*, 2009, Vol.22(33).

GADIA, C. A.; TUCHMAN, R.; ROTTA, N. T.. **Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento.** *J. Pediatr. (Rio J.)* [online]. 2004, vol.80, n.2, suppl., pp. 83-94.

GARCIA, Mariana Luisa; LAMPREIA, Carolina. **Limites e possibilidades da identificação de risco de autismo no primeiro ano de vida.** *Psicol. Reflex. Crit.*, 2011, vol.24, no.2, p.300-308.

GIARDINETTO, Andréa R. Dos S.; BOETTGER ; Ana Carla Lourenço ; CAPELLINI, Vera Lucia M. Fialho. **O professor da Educação Especial e o processo de ensino-aprendizagem de alunos com Autismo** . *Revista Educação Especial*, 2013, Vol.26(46), p.385

GOMES, Camila Graciella Santos. **Autismo e ensino de habilidades acadêmicas: adição e subtração.** *Rev. bras. educ. espec.*, Dez 2007, vol.13, no.3, p.345-364.

GOMES, Camila Graciella Santos; MENDES, Enicéia Gonçalves. **Escolarização inclusiva de alunos com autismo na rede municipal de ensino de Belo Horizonte.** *Rev. bras. educ. espec.*, Dez 2010, vol.16, no.3, p.375-396.

GOMES, Camila Graciella Santos; SOUZA, Deisy das Graças de. **Desempenho de pessoas com autismo em tarefas de emparelhamento com o modelo por identidade: efeitos da organização dos estímulos.** *Psicol. Reflex. Crit.*, 2008, vol.21, no.3, p.418-429.

GOMES, Camila Graciella Santos; VARELLA, André Augusto Borges; SOUZA, Deisy das Graças de. **Equivalência de estímulos e autismo: uma revisão de estudos empíricos.** *Psic.: Teor. e Pesq.*, Dez 2010, vol.26, no.4, p.729-737.

GOMES, Vanessa Fonseca; BOSA, Cleonice. **Estresse e relações familiares na perspectiva de irmãos de indivíduos com transtornos globais do desenvolvimento.** *Estud. psicol. (Natal)*. v.9 n.3, Dez. 2004.

GUPTA, Abha R; STATE, Matthew W. **Autismo: genética.** *Rev. Bras. Psiquiatr.* v.28 s.1, Maio. 2006.

JANUÁRIO, Livia Milhomem; TAFURI, Maria Izabel. **A relação transferencial com crianças autistas: uma contribuição a partir do referencial de Winnicott.** *Psicol. clin.*, Jun 2010, vol.22, no.1, p.57-70.

KAPLAN, H. I. **Compêndio de Psiquiatria: Ciências do Comportamento e Psiquiatria Clínica.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997, 7º ed.

KLIN, Ami Et Al. **Avaliação clínica de crianças com risco de autismo.** Educação, 2006, Vol.29(58), p.11

KLIN, Ami. **Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral.** *Rev. Bras. Psiquiatr.* v.28 s.1, Maio. 2006.

KUPFER, M. Cristina M. **Notas sobre o diagnóstico diferencial da psicose e do autismo na infância.** *Psicol. USP*, 2000, vol.11, no.1, p.85-105.

KWEE, Caroline Sianlian; SAMPAIO, Tania Maria Marinho; ATHERINO, Ciriaco Cristóvão Tavares. **Autismo: uma avaliação transdisciplinar baseada no programa TEACCH.** *Rev. CEFAC*. v.11 s.2, 2009.

LAMPREIA, Carolina. **A perspectiva desenvolvimentista para a intervenção precoce no autismo.** *Estud. psicol. (Campinas)*. v.24 n.1, Mar. 2007.

LAMPREIA, Carolina. **Avaliações quantitativa e qualitativa de um menino autista: uma análise crítica.** *Psicol. estud.*, Jun 2003, vol.8, no.1, p.57-65.

LAMPREIA, Carolina. **Os enfoques cognitivista e desenvolvimentista no autismo: uma análise preliminar.** *Psicol. Reflex. Crit.*, 2004, vol.17, no.1, p.111-120.

LAMPREIA, Carolina. **Perspectivas da pesquisa prospectiva com bebês irmãos de autistas.** *Psicol. cienc. prof.*, 2009, vol.29, no.1, p.160-171.

LEITÃO, Leopoldo Gonçalves. **Relações terapêuticas: Um estudo exploratório sobre Equitação Psico-Educacional (EPE) e autismo.** Análise Psicológica, 2004.

LIRA, Juliana Onofre de et al. **O reconto de histórias em crianças do espectro autístico: um estudo preliminar.** *Rev. CEFAC.* v.11 n.3, Set. 2009.

LOPES HERRERA, Simone Aparecida. **O uso da linguagem no autismo de alto funcionamento e na síndrome de Asperger; uma perspectiva pragmática na intervenção fonoaudiológica.** Cadernos de Comunicação e Linguagem - Vol 01, Nº 02. 2009.

LOPES-HERRERA, Simone Aparecida; ALMEIDA, Maria Amélia. **O uso de habilidades comunicativas verbais para aumento da extensão de enunciados no autismo de alto funcionamento e na Síndrome de Asperger.** *Pró-Fono R. Atual. Cient.*, Mar 2008, vol.20, no.1, p.37-42.

LOSAPIO, Mirella Fiuza; PONDÉ, Milena Pereira. **Tradução para o português da escala M-CHAT para rastreamento precoce de autismo.** *Rev. psiquiatr. Rio Gd. Sul.* v.30 n.3, Dez. 2008.

MACHADO, Rosalina. **A voz da criança autista: o estímulo musical cantado como suporte à comunicação.** Cadernos de Saúde Vol. 1 N.º 1 – p. 63, 2008.

MAGLIARO, Fernanda Cristina Leite et al. **Estudo dos potenciais evocados auditivos em autismo.** *Pró-Fono R. Atual. Cient.*, Mar 2010, vol.22, no.1, p.31-36.

MARINHO, Susana et al. **Perturbações do espectro do autismo; avaliação das competências comunicativas, sociais e linguísticas. 2007**

MARQUES, Carla Fernandes Ferreira da Costa; ARRUDA, Sérgio Luiz Saboya. **Autismo infantil e vínculo terapêutico.** *Estud. psicol. (Campinas).* v.24 n.1, Mar. 2007.

MARQUES, Mário Henriques; DIXE, Maria dos Anjos Rodrigues. **Crianças e jovens autistas: impacto na dinâmica familiar e pessoal de seus pais.** *Rev. psiquiatr. clín.* v.38 n.2, 2011.

MATTOS ,Laura Kemp De; NUEMBERG ,Adriano Henrique. **Reflexões sobre a inclusão escolar de uma criança com diagnósticos de Autismo na Educação Infantil.** Revista Educação Especial, 2011, Vol.1(1), p.129.

MECCA, Tatiana Pontrelli et al. **Rastreamento de sinais e sintomas de transtornos do espectro do autismo em irmãos.** *Rev. psiquiatr. Rio Gd. Sul.* v.33 n.2, 2011.

MELLO, A. M. S. R. de. **Autismo: guia prático**. 4. ed. São Paulo: AMA; Brasília: CORDE, 2004.

MENEZES, Camila Gioconda de Lima; PERISSINOTO, Jacy. **Habilidade de atenção compartilhada em sujeitos com transtornos do espectro autístico**. *Pró-Fono R. Atual. Cient.*, Dez 2008, vol.20, no.4, p.273-278.

MERCADANTE, Marcos T; VAN DER GAAG, Rutger J; SCHWARTZMAN, Jose S. **Transtornos invasivos do desenvolvimento não-autísticos: síndrome de Rett, transtorno desintegrativo da infância e transtornos invasivos do desenvolvimento sem outra especificação**. *Rev. Bras. Psiquiatr.* v.28 s.1, Maio. 2006.

MIILHER, Liliane Perroud; FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda. **Análise das funções comunicativas expressas por terapeutas e pacientes do espectro autístico**. *Pró-Fono R. Atual. Cient.*, Dez 2006, vol.18, no.3, p.239-248.

MIILHER, Liliane Perroud; FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda. **Considerando a responsividade: uma proposta de análise pragmática no espectro do autismo**. *CoDAS*. v.25 n.1, 2013.

MIILHER, Liliane Perroud; FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda. **Habilidades pragmáticas, vocabulares e gramaticais em crianças com transtornos do espectro autístico**. *Pró-Fono R. Atual. Cient.*, Dez 2009, vol.21, no.4, p.309-314.

MISQUIATI, Andréa Regina Nunes; BRITO, Maria Cláudia. **Terapia de linguagem de irmãos com transtornos invasivos do desenvolvimento: estudo longitudinal**. *Rev. soc. bras. fonoaudiol.* v.15 n.1, 2010.

MONTARDO, Sandra Portella; PASSERINO, Liliana Maria. **Implicações de redes temáticas em blogs na Análise de Redes Sociais (ARS): estudo de caso de blogs sobre autismo e síndrome de Asperger**. *Interface (Botucatu)*. v.14 n.35, Dez. 2010.

MONTEIRO, Claudete Ferreira de Souza et al. **Vivências maternas na realidade de ter um filho autista: uma compreensão pela enfermagem**. *Rev. bras. enferm.*, Jun 2008, vol.61, no.3, p.330-335.

MONTEIRO, Katia Alvares de Carvalho; RIBEIRO, Mariana Mollica da Costa; BASTOS, Angélica. **Porta de entrada para adolescentes autistas e psicóticos numa instituição**. *Psicol. cienc. prof.*, Jun 2007, vol.27, no.2, p.290-303.

MORO, Michele Paula; SOUZA, Ana Paula Ramos de. **Três análises de linguagem no autismo**. *Rev. CEFAC*. v.13 n.5, Out. 2011.

NIKOLOV, Roumen; JONKER, Jacob; SCAHILL, Lawrence. **Autismo: tratamentos psicofarmacológicos e áreas de interesse para desenvolvimentos futuros**. *Rev. Bras. Psiquiatr.* v.28 s.1, Maio. 2006.

NUNES, Débora Regina de Paula; NUNES SOBRINHO, Francisco de Paula. **Comunicação alternativa e ampliada para educandos com autismo: considerações metodológicas.** *Rev. bras. educ. espec.*, Ago 2010, vol.16, no.2, p.297-312.

ORRÚ, Silvia Ester. **Os estudos da análise do comportamento e a abordagem histórico-cultural no trabalho educacional com autistas.** *Revista Iberoamericana de Educación*, 2008, Vol.45(3).

ORRÚ, Silvia Ester. **Síndrome de Asperger: Aspectos científicos e educacionais.** *Revista Iberoamericana de Educación*, 2010, Vol.53(7).

ORSATI, Fernanda Tebexreni et al. **Percepção de faces em crianças e adolescentes com Transtorno Invasivo do Desenvolvimento.** *Paidéia (Ribeirão Preto)*, Dez 2009, vol.19, no.44, p.349-356.

PASSERINO, Liliana M.; CONSTI SANTAROSA, Lucila M.; TAROUCO, Liane M. **Interação Social e Mediação em Ambientes Digitais de Aprendizagem com Sujeitos com autismo.** *Revista Brasileira de Informática na Educação*, 2009, Vol.15(1)

PASSERINO, Liliana Maria; SANTAROSA, Lucila Costi M. **Interação social no autismo em ambientes digitais de aprendizagem.** *Psicol. Reflex. Crit.*, 2007, vol.20, no.1, p.54-64.

PEREIRA, Alessandra; RIESGO, Rudimar S.; WAGNER, Mario B. **Autismo infantil: tradução e validação da *Childhood Autism Rating Scale* para uso no Brasil.** *J. Pediatr. (Rio J.)*. v.84 n.6, Dez. 2008.

RAMOS, J ; Xavier, S ; MORINS, M. **Perturbações do espectro do autismo no adulto e suas comorbilidades psiquiátricas.** 2012

REGINA, Ceres Alves de Araújo; NASCIMENTO, Sonia Gattas Fernandes Do; ASSUMPÇÃO JÚNIOR, Francisco Baptista. **Autismo e psicodiagnóstico de Rorschach.** *Psico*, 2011, Issue 4, pp.434-441

RÊGO, Fabiana Lins Browne; CARVALHO, Glória Maria Monteiro de. **Aquisição de linguagem: uma contribuição para o debate sobre autismo e subjetividade.** *Psicol. cienc. prof.*, 2006, vol.26, no.1, p.12-25.

RIVIÈRE, A. O Autismo e os Transtornos Globais do Desenvolvimento. In: COLL, C; MARCHESI, A; PALÁCIOS, J. **Desenvolvimento Psicológico e Educação: Transtornos do desenvolvimento e necessidades educativas especiais.** 2º ed. – Porto Alegre: Artmed, 2004, vol.3.

RODRIGUES, Lyvia Christina Camarotto Battiston; TAMANAHA, Ana Carina; PERISSINOTO, Jacy. **Atribuição de estados mentais no discurso de crianças do espectro autístico.** *Rev. soc. bras. fonoaudiol.*. v.16 n.1, Mar. 2011.

ROSSI, Tânia Maria De Freitas ; CARVALHO, Erenice Natália Soares. **Investigando o espectro do Autismo: perfil do alunado e intervenção educacional na rede pública do Distrito Federal.** Revista Educação Especial, 2011, Vol.0(29)

SAAD, Andressa Gouveia de Faria, GOLDFELD, Marcia. **A ecolalia no desenvolvimento da linguagem de pessoas autistas: uma revisão bibliográfica.** *Pró-Fono R. Atual. Cient.*, Set 2009, vol.21, no.3, p.255-260.

SALLE, E. et al. Autismo Infantil – Sinais e Sintomas. In: CAMARGOS JÚNIOR, W. **Transtornos Invasivos do Desenvolvimento: 3º Milênio.** Brasília: Presidência da República, Secretaria Especial dos direitos Humanos, 2005.

SAMPAIO, Francisco M. ; GERALDES, Sônia. **Necessidades das famílias de crianças com deficiência; um estudo com a escala Family Needs Survey.** 2006

SANINI, Cláudia et al. **Comportamentos indicativos de apego em crianças com autismo.** *Psicol. Reflex. Crit.*, 2008, vol.21, no.1, p.60-65.

SANTOS, Michele Araújo; SANTOS, Maria de Fátima de Souza. **Representações sociais de professores sobre o autismo infantil.** *Psicol. Soc.*, Ago 2012, vol.24, no.2, p.364-372.

SCHMIDT, Carlo, DELL'AGLIO, Débora Dalbosco; BOSA, Cleonice Alves. **Estratégias de coping de mães de portadores de autismo: lidando com dificuldades e com a emoção.** *Psicol. Reflex. Crit.*, 2007, vol.20, no.1, p.124-131.

SCHMIDT, Carlo. **Temple Grandin e o autismo: uma análise do filme.** *Rev. bras. educ. espec.*, Jun 2012, vol.18, no.2, p.179-194.

SIFUENTES, Maúcha; BOSA, Cleonice Alves. **Criando pré-escolares com autismo: características e desafios da coparentalidade.** *Psicol. estud.*, Set 2010, vol.15, no.3, p.477-485.

SILVA, Rubem Abrão da; LOPES-HERRERA, Simone Aparecida; DE VITTO, Luciana Paula Maximino. **Distúrbio de linguagem como parte de um transtorno global do desenvolvimento: descrição de um processo terapêutico fonoaudiológico.** *Rev. soc. bras. fonoaudiol.* v.12 n.4, Dez. 2007.

SMEHA, Luciane Najar; CÉSAR, Pâmela Kurtz. **A vivência da maternidade de mães de crianças com autismo.** *Psicol. estud.*, Mar 2011, vol.16, no.1, p.43-50.

SMITH, D.D. **Introdução à Educação Especial** - Ensinar em Tempos de Inclusão. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SOUSA, Ana Delias de; BOSA, Cleonice Alves; HUGO, Cristina Neves. **As relações entre deficiência visual congênita, condutas do espectro do autismo e estilo materno de interação.** *Estud. psicol. (Campinas)*. v.22 n.4, Dez. 2005.

SOUZA, José Carlos et al. **Atuação do psicólogo frente aos transtornos globais do desenvolvimento infantil.** *Psicol. cienc. prof.*, Jun 2004, vol.24, no.2, p.24-31.

SPROVIERI, Maria Helena S.; ASSUMPÇÃO JR, Francisco B. **Dinâmica familiar de crianças autistas.** *Arq. Neuro-Psiquiatr.* v.59 n.2A, Jun. 2001.

TAMANAH, Ana Carina, PERISSINOTO, Jacy; CHIARI, Brasília Maria. **Evolução da criança autista a partir da resposta materna ao Autism Behavior Checklist.** *Pró-Fono R. Atual. Cient.*, Set 2008, vol.20, no.3, p.165-170.

TAMANAH, Ana Carina; PERISSINOTO, Jacy. **Comparação do processo evolutivo de crianças do espectro autístico em diferentes intervenções terapêuticas fonoaudiológicas.** *J. Soc. Bras. Fonoaudiol.* v.23 n.1, Mar. 2011.

TAMANAH, Ana Carina; PERISSINOTO, Jacy; CHIARI, Brasília Maria. **Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo Infantil e da síndrome de Asperger.** *Rev. soc. bras. fonoaudiol.* v.13 n.3, 2008.

TEIXEIRA, Leônia Cavalcante. **O Autismo e sua positividade.** *Psicol. Reflex. Crit.*, 2002, vol.15, no.3, p.685-686.

TEIXEIRA, Maria Cristina Triguero Veloz et al. **Literatura científica brasileira sobre transtornos do espectro autista.** *Rev. Assoc. Med. Bras.* v.56 n.5, 2010.

TIMO, Alberto Luiz Rodrigues; MAIA, Natália Valadares Roquette; RIBEIRO, Paulo de Carvalho. **Déficit de imitação e autismo: uma revisão.** *Psicol. USP*, Dez 2011, vol.22, no.4, p.833-850.

VASQUES, Carla K. **Branco sobre o branco: psicanálise, educação especial e inclusão escolar.** *Revista Educação Especial*, 2009, Vol.22(33).

VISANI, Paola; RABELLO, Silvana. **Considerações sobre o diagnóstico precoce na clínica do autismo e das psicoses infantis.** *Rev. latinoam. psicopatol. fundam.* v.15 n.2, Jun. 2012.

WALTER, Cátia; ALMEIDA, Maria Amélia. **Avaliação de um programa de comunicação alternativa e ampliada para mães de adolescentes com autismo.** *Rev. bras. educ. espec.*, Dez 2010, vol.16, no.3, p.429-446.